

# Materialismo histórico-dialético: gênese e sentidos do método

Dialectical-historical materialism: genesis and meanings of  
the method

## RESUMO

O materialismo histórico dialético é uma corrente das ciências humanas, que abrange as áreas das ciências sociais, economia, história e filosofia, predominantemente. Para a análise do sistema econômico e de todas as suas relações, o marxismo, em específico, apoia-se no tripé anunciado em seu próprio nome "materialismo histórico-dialético", cuja metodologia particular de análise permitiu uma visão complexa e revolucionária do capitalismo. E é pela intrínseca relação entre método e corrente de pensamento que, através de revisão bibliográfica, nos debruçaremos para analisar de que forma e por quais caminhos históricos o método se constituiu.

**Palavras-chave:** Materialismo Histórico-Dialético. Metodologia. Marxismo. Epistemologia.

## ABSTRACT

Dialectic-historical materialism is a current of the human sciences, which covers the areas of social sciences, economics, history and philosophy, predominantly. For the analysis of the economic system and all its relations, Marxism, in particular, relies on the tripod announced in its own name "dialectical historical materialism", whose particular methodology of analysis allowed a complex and revolutionary view of capitalism. And it is by the intrinsic relation between method and current of thought that we will examine to analyze in what form and in what historical ways the method of its constituted.

**Keywords:** Dialectic-Historical Materialism. Methodology. Marxism. Epistemology.

---

\* Doutor e professor da UFAM.

## Introdução

O materialismo histórico-dialético é uma corrente das ciências humanas que abrange as áreas das ciências sociais, economia, história e filosofia, predominantemente. Seus ideais foram expostos pioneiramente pelos intelectuais Marx e Engels, e servem como referencial para as análises do capital e de suas relações, bem como os apontamentos que possibilitam um sentido de superação ao atual sistema e as relações de poder por ele impostas. Embora imprescindível para toda pesquisa, poucos são os estudos que se esforçam para o desdobramento da discussão específica do método; e no caso deste estudo especificamente, remetemos a tradição marxiana e ao método materialista histórico-dialético.

Para a análise do sistema econômico e de todas as suas relações, o marxismo, em específico, apoia-se no tripé anunciado em seu próprio nome *materialismo histórico-dialético*, cuja metodologia particular de análise permitiu uma visão complexa e revolucionária do capitalismo. E é pela intrínseca relação entre método e corrente de pensamento que nos debruçaremos para analisar de que forma e por quais caminhos o materialismo, sua dimensão histórica e o movimento dialético são transformados até serem apropriados e significados no contexto marxiano. No âmbito das ciências, o *método* abandona gradativamente sua raiz etimológica que remonta a ideia de *caminho*, para adotar cada vez mais um sentido de *garantia de verdade*, na medida em que independente da corrente teórica em questão, os procedimentos operacionados de maneira incorreta conferem por si só a garantia da falseabilidade da pesquisa. Desse modo, o método ganha gradativamente mais importância entre os intelectuais, sendo sua aplicabilidade sinônimo de identidade à tradição teórica remetente.

Embora Marx não tenha organizado seu referencial metodológico de uma forma sistematizada, tal compreensão perpassa toda a sua obra, com maior ou menor inflexão, raramente encontrando uma exposição explícita, mas podendo se observar o método fundamentando suas aplicações analíticas em relação aos objetos de discussão tensionados pelo pensamento marxiano, em especial o sistema capitalista. A construção de uma metodologia materialista histórico-dialética em Marx também é processual, e só se solidifica de forma incisiva naquele que os historiadores costumam chamar de:

[...] segunda fase do desenvolvimento intelectual de Marx, marcada pelo rompimento com Feuerbach em 1845 e vai até 1857, onde as premissas gerais de sua abordagem da sociedade e da história são desenvolvidas e a tendência feuerbachiana da primeira fase (primeiros escritos até 1844) é definitivamente abandonada. (ALVES, 2010, p. 3).

Perante a justificativa e a conceituação do método, destacamos que o marxismo serve como referencial metodológico fundamental no âmbito das ciências humanas e a perspectiva metodológica aqui discutida confere um caráter único de observação, possibilitando enfoques e aspectos específicos que ofertam caminhos singulares para a desconstrução das relações de dominação que, para a corrente, são inerentes ao sistema capitalista. Para tal, buscamos destacar a compreensão das três categorias que fundamentam o método: materialismo histórico-dialético, delimitando seus sentidos por meio de uma breve gênese his-

tórica. Discutiremos ainda o sentido de cada uma dessas categorias no âmbito da análise da sociedade, evidenciando que a perspectiva metodológica aqui estudada demanda o consubstanciamento de suas categorias centrais, conferindo um sentido único às dimensões analítico-teóricas. Assim, embora apresentadas por vezes em momentos distintos no texto, o materialismo histórico-dialético é fruto da junção dos conceitos, que não são expressos em si, mas em composição.

## O método e os caminhos históricos: uma reflexão sobre materialismo, história e dialética

No âmbito das ciências humanas, a relação entre homem e objeto é sempre condicionada aos processos de mediação. Tais mediações, tendo em vista a subjetividade do processo de pesquisa, são determinantes para o desenvolvimento qualitativo da análise. Diferente das análises que cabem as outras áreas da ciência, não há valores exatos, aferições nulas, neutras ou absolutamente precisas e a possibilidade de que se abranja a totalidade do objeto, embora deva ser sempre tida como norte é, do ponto de vista prático, uma impossibilidade inerente. Na análise das relações humanas sua dimensão subjetiva e complexa deve ser observada pelo seu método de análise, que deve considerar todos os processos ali inseridos; e neste ponto, resgatamos a ideia da processualidade dos sujeitos, sendo o homem, por natureza, um ser que se constrói e reconstrói a todo momento, e do mesmo modo dinâmico estabelece sua relação com os outros e com o meio.

Desta maneira, se a escolha dos processos metodológicos é de fundamental importância para todas as áreas da ciência, no âmbito das ciências humanas, dado suas singularidades epistemológicas, tem sua relevância ampliada significativamente. Em geral, as leituras das sínteses produzidas pelas correntes teóricas não oferecem uma capacidade de aferição no qual o resultado frio e preciso de um instrumento qualquer serve como juiz da verdade. Há ainda a necessidade, por parte do pesquisador, de alinhar sua perspectiva ideológica com sua metodologia, tendo em vista o fato de que a escolha de um implica necessariamente na escolha do outro. As lentes da teoria implicam na escolha dos instrumentos de análise dos objetos, em um conjunto que deve primar pela sua organicidade.

Não é por acaso que encontramos múltiplas tendências metodológicas na área e as cisões analíticas são quase tão antigas quanto à sistematização do pensamento em ciência. O conceito de método, derivado do grego antigo, e seu significado também foram se modificando com o tempo. Como nos mostra Paschoal:

Existem vários empregos para o termo método. O mais conhecido é aquele que o toma a partir de sua raiz etimológica (do grego *methodos* e do latim *methodu*) para expressar a ideia de caminho. Dessa primeira acepção do termo, seguem-se outras que ampliam seu significado inicial, passando a incluir os procedimentos adotados para se chegar a certos resultados, ou a associá-lo não à obtenção de um resultado, mas à sua apresentação, quando o termo passa a designar uma boa ordem na disposição dos raciocínios, apresentados tanto de forma oral quanto escrita. (PASCHOAL, 2001, p. 162).

O projeto moderno de sociedade, no qual as perspectivas místicas e religiosas são paulatinamente abandonadas, dá lugar a diferentes sistemas que buscam a explicação do mundo. Dentre todas as perspectivas, aquelas que apontam a realidade a partir de sua objetividade, ou seja, de uma relação no qual a materialidade é a condição fundante do movimento, são denominadas materialistas. Tal escola se contrapõe ao idealismo, corrente que compreende o princípio na ideia. Dentre as diferenças, podemos destacar a conceituação definida por Alves:

Materialismo é toda concepção filosófica que aponta a matéria como substância primeira e última de qualquer ser, coisa ou fenômeno do universo. Para os materialistas, a única realidade é a matéria em movimento, que, por sua riqueza e complexidade, pode compor tanto a pedra quanto os extremamente variados reinos animal e vegetal, e produzir efeitos surpreendentes como a luz, o som, a emoção e a consciência. O materialismo contrapõe-se ao idealismo, cujo elemento primordial é a idéia, o pensamento ou o espírito. (ALVES, 2010, p. 1).

Para o materialismo histórico, a construção do homem e de suas relações ocorre a partir das condições materiais em que esse sujeito histórico é inscrito, sendo que até seus quadros subjetivos mais profundos foram constituídos por meio das relações objetivas do sujeito com o mundo. Em ordem prática é a matéria que antecede a ideia, ou nas palavras do próprio Marx e de seu coautor Engels “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.” (MARX, ENGELS, 1979, p. 37). É equívoco pensar que o materialismo ignora as ideias ao analisar a constituição dos sujeitos. Todavia, o que é novo neste processo é o lugar que ela ocupa: ao contrário do idealismo, o materialismo compreende a ideia como reflexo, consequência de todas as relações materiais e objetivas, como nos explica Alves:

[...] o materialismo histórico dialético designa um conjunto de doutrinas filosóficas que, ao rejeitar a existência de um princípio espiritual, liga toda a realidade à matéria e às suas modificações. É uma tese do marxismo, segundo a qual o modo de produção da vida material condiciona o conjunto da vida social, política e espiritual. (ALVES, 2010, p.3).

Assim sendo, o materialismo histórico-dialético rompe em sua base com o idealismo, porém, é a partir de uma metodologia, até então, essencialmente idealista que o materialismo se apropriará, por meio de Marx, em uma tentativa de equacionar a cisão entre sujeito e objeto, se municiando de seu instrumento metodológico mais poderoso: a dialética.

Ao dar forma ao método materialista histórico-dialético, Marx utiliza-se da dialética Hegeliana e lhe confere um novo sentido. Todavia, a dialética surge muito antes do que o período histórico em questão. Na Grécia, em seu período antigo, apresenta-se como mediação entre as diferenças, que serão equacionadas à luz da verdade.

Na história do pensamento da Grécia Antiga podemos observar a primeira cisão ideológica entre um pensamento dialético e um pensamento analítico. Para Parmênides o mundo se mantém em essência sempre o mesmo, visto que se nele houvesse movimento, seria provável inferir que haveria desgaste e, por conse-

quência, que o próprio movimento seria a causa do fim do mundo. Em oposição encontramos o pensamento de Heráclito que a essência do mundo é um vir-a-ser, tendo em conta o fato de que nada permanece para sempre e, enquanto permanece, nunca é exatamente igual ao que fora anteriormente. Mesmo de forma muito rudimentar e em um estágio embrionário, podemos constatar a dualidade ainda existente entre o método analítico e o método dialético.

Embora a dialética seja parte fundamental da cultura helênica, vale ressaltar que, enquanto análise dos processos de constituição histórica das coisas e dos seres, a própria dialética é sujeitada a esta lógica. Neste sentido, nos diversos períodos históricos a dialética se apresenta com peculiaridades produzidas pelo seu contexto histórico, cultural e político. No período em questão, por exemplo, os debates não se regravam necessariamente pela lógica da tese, antítese e síntese da dialética Hegeliana; sendo, por vezes, pautada por outras estruturas discursivas, como duplo monólogos ou tese e antítese sem síntese, entre outros.

Já na Grécia Clássica a dialética é instrumento fundamental de uma cultura predominantemente oral no qual os debates têm o caráter de identidade, são sediados na *pólis* e traçam o futuro em âmbito objetivo, em sua política, e o futuro a partir dos fundamentos morais, na construção de sua filosofia. Também neste período encontramos a contraposição entre a dialética platônica e o método analítico silogista aristotélico. Nestas diferenciações podemos encontrar um ponto de divergência em comum: a contradição. Podemos conceituar o termo por meio das palavras de Kuenzer (1998, p.65), que o define como “[...] relação ativa de contrários em busca de superação, mesmo que conservando o que cada um tem de determinado: a incessante conversão de um no outro, e exclusão ativa.”

Enquanto para os dialéticos é a contradição que constitui o movimento dialético por si, para os analíticos uma das premissas fundamentais da busca pela verdade é o princípio da não contradição, no qual algo jamais pode constituir duas verdades ou duas posições distintas ao mesmo tempo.

À estas cisões cabe ressaltar outra diferenciação fundamental, polarizados nas distinções entre o pensamento clássico e a tradição antiga, representadas respectivamente por Aristóteles e Heráclito:

Aristóteles é um dos grandes responsáveis pela marginalização do pensamento de Heráclito sobre a contraditoriedade e o conflito. O princípio da identidade, perseguido por Aristóteles, estabelecia a fixação do ser: o que é, é e o que não é, não é. Já em Heráclito encontramos a idéia de movimento do pensamento, a idéia de contraditoriedade da vida, da natureza, do mundo: todas as coisas fluem e se alteram sempre, disse ele; mesmo na mais imóvel existe um invisível fluxo e movimento. (PIRES, 1997, p. 84).

Sobre os percursos históricos da dialética e da analítica, fazemos coro à constatação de Paschoal, ao julgar a importância de ambas e fundamentalmente da relação instituída entre elas, para a formação da cultura do mundo ocidental:

Entendidas enquanto modelos, pode-se dizer que tanto a dialética quanto a analítica, iniciadas no mundo grego, foram os grandes constituidores da cultura ocidental. A primeira vai de Platão a Marx, passando por Santo Agostinho, Escoto Eriugena e Hegel, entre outros; e a segunda vai de

Aristóteles à atual Filosofia Analítica, passando, por exemplo, por Tomás de Aquino, Descartes, Kant, Frege, Bertrand Russell e Wittgenstein. (PASCHOAL, 2001, p.166).

Embora o pensamento e a cultura grega tenham influenciado decisivamente o Império Romano, no período medieval o mundo ocidental vê a dialética sendo absorvida por uma lógica direta e causal, no qual as estruturas hierárquicas do mundo liderado pela Igreja Católica refletem sua rigidez e sua estrutura em todos os segmentos da sociedade, e com a ciência não seria diferente. Desta maneira, a metafísica suprime o movimento vivo da dialética, e quando faz uso do mesmo, o faz somente como confirmação dos conceitos metafísicos já instituídos, transformando a razão em serva do dogma, presa a um modelo maniqueísta que já anuncia sua síntese ao alocar os sujeitos em seus papéis de tese ou antítese, bem ou mal.

O resgate da dialética no *corpus* da filosofia é feita por Hegel, que rompe com os paradigmas do estado do ser, e propõe a dialética enquanto método para pensar os objetos da investigação científica por meio do princípio da contrariedade, ou seja, para ele “uma coisa é e não é ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto” (PIRES, 1997, p. 85) o que nos permite afirmar que mesmo de ponto de vista ainda idealista, “[...] Hegel preconiza o princípio da contradição, da totalidade e da historicidade”. (PIRES, p. 85).

Para o autor, a dialética é o sistema capaz de observar como as totalidades inclusivas são construídas a partir dos momentos de relação com as outras coisas, e estes momentos se constroem a partir da contradição, exposta no método como antítese. Tal mecanismo se articularia até o estágio em que as categorias se tornassem absolutas, resultando de certo processo aglutinador, denominado síntese. Desta maneira, Hegel confere novamente o movimento dialético à filosofia, em contraposição aos instrumentos da metafísica teológica, todavia, “sua concepção de história era essencialmente idealista.” (ALVES, 2010, p. 2). E essa recuperação proposta em Hegel se torna fundamental para a edificação de um método que se propõe a estudar um mundo que, ao contrário do que concebia a estaticidade do pensamento formal, é dinâmico, se movimenta ininterruptamente, e o motor de tal percurso é fundamentado sobre as contradições entre essência e aparência, sujeito e objeto, indivíduo e coletivo; enfim, todas as relações dialéticas que constituem o cenário vivo de nosso mundo.

Nessa apropriação, o materialismo histórico-dialético buscou a partir da relação de movimento exposto na filosofia hegeliana, no processo de tese, antítese e síntese, agregar um componente de fundamental importância para a cisão proposta neste percurso histórico. Tal diferenciação poderia ser sintetizada na oposição entre a relação de que para Hegel enquanto o pensamento é visto como produtor da realidade, no materialismo histórico-dialético ocorre justamente o contrário; mas “se o pensamento determina a realidade, o que determina o pensamento? A própria realidade.” (ALVES, 2010, p. 5). Se por um lado, no percurso histórico da dialética encontramos uma aproximação gradativa de seu caráter transformador, na filosofia analítica o processo é diferente:

Independente das variações que sofrerá nos diferentes momentos, um aspecto da analítica que se mantém na Filosofia Analítica é seu caráter de análise. Em ambas não há o propósito de produzir realidade (ou mudá-la,

como pretende a dialética) ou novos discursos sobre ela, mas analisar os discursos existentes, permitindo um posicionamento frente a eles, bem como uma verificação de sua sustentabilidade a partir de algum critério. (PASCHOAL, 2001, p.168).

Na tradição marxiana, a filosofia não deveria prestar-se ao serviço da análise pela análise; pelo contrário, para prestar-se a um serviço efetivo, a filosofia deveria pautar-se pela transformação das condições materiais para que pudessem florescer novas estruturas sociais, que dessem vazão a um novo ser social, no qual os processos de exclusão e cisão social seriam subsumidos. A dialética enquanto objetiva e materialista, não pode ser operacionada a partir da contraposição entre ideias ou entre um fato e uma ideia; como exposto na sentença de que “O que lhe pode servir de ponto de partida não é a idéia, mas exclusivamente, o fenômeno externo. Sendo assim, a inquirição crítica limitar-se-á a comparar, a confrontar um fato, não com uma idéia, mas com outro fato.” (ALVES, 2010, p. 2).

Estas novas dimensões do pensamento dialético já encontraram seu cerne nas ressalvas da apropriação da dialética hegeliana, como podemos observar:

O método dialético que desenvolveu Marx, o método materialista histórico dialético, é método de interpretação da realidade, visão de mundo e práxis. A reinterpretação da dialética de Hegel (colocada por Marx de cabeça para baixo), diz respeito, principalmente, à materialidade e à concreticidade. Para Marx, Hegel trata a dialética idealmente, no plano do espírito, das idéias, enquanto o mundo dos homens exige sua materialização. (PIRES, 1997, p. 86).

A originalidade do pensamento materialista histórico-dialético é anunciada na pretensão de seus precursores ao proporem que este novo ponto de vista seria, ao mesmo tempo, fim da filosofia tradicional de caráter puramente analítico e início de uma filosofia transgressora, cujo objetivo central seria a transformação do mundo. Para atender aos anseios desta nova filosofia, seu norte passa ser a história, cujo pensamento representaria o relato dos processos materiais a que os homens foram submetidos ao longo dos tempos.

No seio do pensamento materialista histórico-dialético encontra-se também uma nova visão da história:

Marx parte da idéia de que em toda a história o homem não é uma imanência única: na idade antiga ou ele era escravo ou cidadão; na idade média era servo ou senhor; na idade moderna é proletário ou patrão, ou seja, ou ele detém os meios de produção ou vende sua força de trabalho. (ALVES, 2010, p. 3).

Por isto, Marx torna-se o pioneiro de uma dialética materialista que vai pensar a história das sociedades a partir de sua produção material de existência e suas ideologias resultantes dos processos de contraposição entre classes sociais antagônicas. Pensamento que se coloca em contraposição ao sentido histórico da dialética hegeliana, tendo em vista que este é um produto do Absoluto, categoria relegada às ideias. Para tal, o materialismo dialético denota seu caráter histórico baseando-se em quatro princípios fundamentais:

(1) a história da filosofia, que aparece como uma sucessão de doutrinas filosóficas contraditórias, dissimula um processo em que se enfrentam o princípio idealista e o princípio materialista; (2) o ser determina a consciência e não inversamente; (3) toda a matéria é essencialmente dialética, e o contrário da dialética é a metafísica, que entende a matéria como estática e anistórica; (4) a dialética é o estudo da contradição na essência mesma das coisas. (ALVES, 2010, p.1).

A história na tradição marxiana, para além do sentido indelével que emprega na análise das constituições sociais humanas, abarca um novo sentido que constrói de forma dialética a categoria *histórica* da constituição do método materialista histórico-dialético. Desta maneira a história é fundamental para este referencial não só por municiar e ser objeto da análise das contradições, mas também por ganhar um fim, no sentido ontológico do termo. Para Marx em específico, a história é o processo no qual ocorrerão a construção de uma nova estrutura social (o comunismo) e o fim da velha estrutura social (o capitalismo) devido a suas contradições internas e inerentes. O caráter transformador da tradição do pensamento marxiano encontra espaço na categoria história para constituir seu jogo de forças, tendo em vista seu fim premeditadamente revolucionário.

E para este fim, o termo materialismo empresta sentido fundamental, visto que tanto para análise da atual conjuntura social, como para a proposição de qualquer horizonte revolucionário, se faz necessário questionar e repensar os meios materiais da produção de existência.

Embora de caráter materialista, a tradição marxiana se afasta de outras correntes que assumem tal postura, como o positivismo, por exemplo, na medida em que “Sua dialética epistemológica leva-o também a uma dialética ontológica específica (um conjunto de leis ou princípios que governam um setor ou a totalidade da realidade) e a uma dialética relacional condicional (o movimento da história).” (ALVES, 2010, p. 4).

Todavia, o pensamento marxiano não abre mão do abstrato, mas, pelo contrário, lhe confere um papel fundamental na construção de sua dialética. É a partir das relações postas no plano concreto, que o abstrato utiliza-se dos conceitos e das ideias como processo de mediação para o exercício filosófico dialético, de análise e superação, como podemos observar:

A implementação do método marxiano, pressupõe como ponto de partida, a apreensão do real imediato (a representação inicial do todo) que convertido em objeto de análise por meio de processos de abstração resulta numa apreensão de tipo superior, expressa no concreto pensado. Porém, esta é a etapa final do processo, uma vez que as categorias interpretativas, as estruturas analíticas constitutivas do concreto pensado serão contrapostas em face do objeto inicial, agora apreendido não mais em sua imediatez, mas em sua totalidade concreta. Parte-se do empírico (real aparente), procede-se à sua exegese analítica (mediações abstratas), retorna-se ao concreto, isto é, à complexidade do real que apenas pôde ser captada pelos processos de abstração do pensamento. (ALVES, 2010, p. 8).

Para Marx, tanto o idealismo hegeliano, quanto o materialismo tradicional de Feuerbach, incorriam no mesmo erro crasso: para ambos o mundo externo era objeto de contemplação. Deste modo a metodologia filosófica que percorra tais



caminhos, independente de seu pólo, criará um processo de desconstrução histórica das relações humanas, no qual a realidade é um objeto no máximo passível de descrição. O movimento que a dialética confere a história a partir do materialismo passa, na concepção marxiana, pela fundamental intervenção humana, conceituada a partir da ideia de práxis.

Metodologicamente, a práxis é uma categoria fundamental do arcabouço do materialismo histórico-dialético. Nela encontramos o movimento vivo e intencional agregado a dialética, que relaciona-se na esfera do abstrato como mediadora do empírico, cujo objetivo de mediação é desvelar as construções simbólicas e abstratas do objeto em prol de sua concretude e valor real material. No tocante as relações de dominação, tal reflexão é um instrumento metodológico fundamental para o desvelar das aparências intencionalizadas, que buscam mascarar as forças de dominação que se impõem no embate entre as classes sociais antagônicas. Tais aparências são explicadas no interior da lógica materialista histórica dialética, por meio do conceito de ideologia, que é a produção intencional de falsa consciência, visando à perpetuação das estruturas de poder e dominação.

Essa mediação requer ainda operar a partir da contradição, condição esta fundamental para a dialética, o processo de abrangência da totalidade, que deve compor o corpo metodológico de uma análise:

Mostrando como o objeto de pesquisa [...] ao mesmo tempo manifesta e é manifestação das relações sociais e produtivas mais amplas presentes nesta etapa do desenvolvimento do processo produtivo marcado pela globalização da economia; [...] esta categoria implica na concepção de realidade enquanto um todo em processo dinâmico de estruturação e de autocriação [...] assim, cada fenômeno, ao revelar a si mesmo e ao todo, deverá ser compreendido como um momento do todo, que ao mesmo tempo o explicita e o esconde. (KUENZER, 1998, p. 64).

Ainda acerca da contradição, Kuenzer observa de que modo a aplicabilidade do conceito no procedimento metodológico deve ser contemplado em uma pesquisa:

Por isso, a pesquisa deverá buscar captar a todo momento o movimento, a ligação e unidade resultante da relação dos contrários, que ao se opor dialeticamente, um incluindo-se/excluindo-se no/do outro, se destroem ou se superam [...] o pensamento deverá mover-se durante o transcurso da investigação entre os pólos dialéticamente relacionados. (KUENZER, 1998, p. 65).

Na construção de uma tradição materialista histórica, determinadas relações ganham novos significados tendo em vista as novas valorações dadas ao método em oposição ao idealismo, por exemplo. Dentre elas destaca-se a questão da natureza e do trabalho, que vão conotar um sentido primordial neste novo cenário.

Para Marx o homem é o ser que exerce seu papel social na capacidade de modificação da natureza pela força de seu trabalho. Desta maneira, frente às necessidades objetivas e concretas, o homem intenciona um objeto no plano ideal e, empregando sua força de trabalho sobre a natureza, obtém aquilo que intencionou estabelecendo uma relação dialética de unidade e dominação da natureza. Na história humana, as mediações construídas neste processo de trabalho é que vão

determinar toda a constituição social em suas bases materiais e subjetivas. Temos como exemplo o modo moderno de produção, para quem Marx e Engels constroem suas críticas. Tal modo de intervenção da natureza tem sua especificidade, que embora traga componentes novos, reafirma a sempre presente cisão entre classes sociais antagônicas, que em sua relação dialética, de tese e antítese, vão construindo a sociedade.

Para os autores, aquilo que o homem é passa fundamentalmente pelo que ele produz e pelo modo como ele produz. Sua identidade, mesmo em seus aspectos subjetivos, é construída dentro desta relação de forças materiais objetivas. Como observa Pires:

Se a lógica dialética permite e exige o movimento do pensamento, a materialidade histórica diz respeito à forma de organização dos homens em sociedade através da história, isto é, diz respeito às relações sociais construídas pela humanidade durante todos os séculos de sua existência. E, para o pensamento marxista, esta materialidade histórica pode ser compreendida a partir das análises empreendidas sobre uma categoria considerada central: o trabalho. (PIRES, 1997, p. 88).

No que concerne ao capitalismo, tal relação está pautada por mecanismos de dominação, no qual a classe dominante faz uso para impor-se física e espiritualmente sobre a classe dominada. Desta maneira, a essencialidade do trabalho moderno pauta-se na produção da alienação do trabalhador em relação ao objeto de seu trabalho, por uma conjuntura de fatores que grosso modo pode ser sintetizados da seguinte maneira: o trabalhador exerce sua atividade de maneira compulsória, ou seja, está submetido a aquela relação para poder garantir sua base material de existência; ele também o faz para atender a demanda de alguém que compra sua força de trabalho, tornando-se alheio ao próprio objeto, estando desconectado do seu processo produtivo como um todo, e em quase todas as vezes, não lhe é assegurado o direito do usufruto do bem por ele produzido.

## Considerações finais

Analisar a partir de uma metodologia materialista histórica passa sempre pela primazia destas relações entre homem e natureza, e suas mediações, tendo em vista que é a partir do modo de produção material da sociedade, que todo o entorno será constituído. Neste sentido o trabalho ganha uma conotação ontológica e sua representatividade estabelece mediações com todas as instâncias sociais. Porém, ao fazer jus à perspectiva que a história enquanto conceito traz nesta corrente teórica, é preciso repousar sobre ela um olhar dialético: há de se pensar as formas históricas e contemporâneas de dominação das relações homem-trabalho-natureza, mas sem nunca perder de vista o horizonte da superação destas relações. Do contrário tornar-se-ia o movimento histórico das contradições como uma condição estática, o que é um erro incabível para a concepção de história defendida nesta abordagem. Mesmo as análises dos cenários sociais mais truncados, ao trazerem a tona suas contradições internas, dão margem ao movimento histórico, que pode ser construído por um caminho revolucionário.

E é a partir desta perspectiva que surge outra diferença fundamental entre o materialismo histórico-dialético e o empirismo: se a partir da constatação objetiva da luta de classes, a história não pode ter a pretensão positivista da neutralidade. Ela deve ser ferramenta para a possibilidade da ruptura.

Contudo julgamos necessário observar que tal ruptura pensada a partir de tal metodologia não pode ser construída por meio de mudanças comportamentais individuais, tendo em vista que os indivíduos são decisivamente influenciados pelo modo produtivo e como a sociedade se constitui a partir dele. Sendo assim, somente as transformações de tais estruturas sociais possibilitariam, por consequência, a produção subjetiva de um novo homem.

Na observância do método, proposta neste estudo, o que nos parece com maior relevância no processo marxiano é a consubstancialidade de suas categorias centrais. Do materialismo desdobra-se a história e suas relações dialéticas; na história podemos observar seu papel transformador e analítico das relações materiais, pautadas nas contradições e antagonismos dialéticos; na dialética há a história que emana do mundo material; enfim, não há dissolução que não comprometa de maneira decisiva a perspectiva metodológica explicitada.

Num breve movimento da dialética, ou só da história, ou só do materialismo, não observamos, a priori, condições discursivas, estruturais ou materiais que possam apontar um caminho de desconstrução da ordem social vigente. Todavia, na pluralização do olhar, que se respalda nas categorias como um todo, a perspectiva pode ser menos pessimista. É a conjunção das categorias que exprime ferramentas analíticas que possibilitam ler a realidade social a fim de superá-las na construção de um mundo mais justo para todos. O *desmontar* analítico das categorias a partir de suas particularidades só terá sentido no *remontar* do método, conjugando sentidos que se expressam nas categorias e nas relações que elas guardam umas com as outras. Ademais, é importante observar a partir do método que:

Considerando que os homens se caracterizam por um permanente vir a ser, a relação entre os homens não está dada, mas precisa ser construída (vir a ser), construída material (trabalho social) e historicamente (organização social do trabalho). O trabalho, como princípio educativo, traz para a educação a tarefa de educar pelo trabalho e não para o trabalho, isto é, para o trabalho amplo, filosófico, trabalho que se expressa na práxis (articulação da dimensão prática com a dimensão teórica, pensada). É claro que em alguns momentos deste processo educacional, especialmente no que diz respeito à formação profissional, a aprendizagem de habilidades, práticas e ações imediatas são necessárias, mas o que aqui se quer destacar, como contribuição do Método à educação, é que o processo educacional é mais amplo, não se esgota na dimensão prática, exige a construção da formação em sua totalidade, tem que contribuir para a formação de homens plenos, plenos de humanidade. (PIRES, 1997, p. 91).

Para contrapor-mos é preciso conhecer. E neste sentido, a aplicação de uma metodologia materialista, histórica e dialética e todas as suas respectivas categorias, nos dá uma abrangência dos movimentos do capital que nos permite criarmos linhas de desconstrução material e ideológica.

A contradição permite e é fruto do movimento; este jogo de forças é essencialmente aberto e dinâmico. “O princípio da contradição, presente nesta lógica, indica que para pensar a realidade é possível aceitar a contradição, caminhar por ela e apreender o que dela é essencial.” (PIRES, 1997, p.87). Quiçá, nessa tensão dialética, o desdobrar de uma síntese mais humana e igualitária possa florescer.

## Referências bibliográficas

- ALVES, A. M. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. *Revista de Psicologia da UNESP*. 9. ed., 2010.
- KUENZER, A. Z. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, G. (Org.). *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LEFEBVRE, H. *Sociologia de Marx*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979.
- MARX, K. e Friedrich E. *A ideologia alemã*. 2. ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O Capital*, Livro I, v. I, 13. ed, 1989.
- PASCHOAL, A. E. Metodologia da pesquisa em educação: Analítica e dialética. *Revista Diálogo Educacional* - v. 2, n. 3 - p. 161-169 - jan./jun. 2001.
- PIRES, M. F. C. O materialismo histórico-dialético e a educação. *Interface: comunic. saúde, educ.* p. 83-94. 1997.

---

### Sobre o autor

Doutor em Educação pela UFSCar. Professor adjunto do Departamento de Métodos e Técnicas na UFAM. E-mail: marsiellp@gmail.com

Recebido em 11/10/2018  
Aprovado em 11/3/2019

### Como referenciar esse artigo

PACÍFICO, Marsiel. Materialismo histórico-dialético: gênese e sentidos do método. *Argumentos: Revista de Filosofia*. Fortaleza, ano11, n. 21, p. 220-231, jan.-jun. 2019.